

A ATRACÇÃO DO ABISMO

(REFLEXÕES SOBRE O INCESTO EM DOIS ROMANCES DE CAMILO CASTELO BRANCO)

Na longa galeria de personagens camilianas, não poderiam faltar as incestuosas, ou aquelas que, por um momento, se sentiram atraídas por uma relação que ignoravam ser proibida. Abordar o tabú do incesto é, antes de mais, correr o risco da transgressão e aceitar situar-se do outro lado da norma. Camilo acede apenas temporariamente a esse perigoso estatuto: as suas personagens ou são miraculosamente defendidas através de uma estranha *voz do sangue*, ou se transformam em penitentes eternas, expiando o horror da sua situação. *A Enjeitada* e *O Olho de Vidro* preenchem as duas categorias enunciadas.

A Enjeitada é apresentada como uma história que teria sido relatada a Camilo por Manuel de Freitas Costa, Juiz da Relação do Porto. Na Dedicatória, o autor confessa ter modificado a primitiva relação dos acontecimentos, baseado na sua liberdade de romancista: «Neste romance encontra V. Ex.^a o desenvolvimento da história que me comunicou. Se algumas cores do quadro substitui por outras, obedeci a umas regras de arte que prescrevem ao romancista a dura lei de recompor o que parecia estar bem feito das mãos da natureza.»¹

Em *O Olho de Vidro*, romance histórico, há uma certa atestação de veracidade que se revelará enganadora. Como diz Jacinto do Prado Coelho, «Camilo escreveu um livro que é um misto de monografia e de novela»²,

¹ BRANCO, Camilo Castelo — *A Enjeitada*, in *Obras Completas*, Vol. V, Porto, Lello & Irmão, 1986, p. 183.

² COELHO, Jacinto do Prado — *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana*, Col. Temas Portugueses, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2.^a ed., refundida e aumentada, 2.^o vol., 1983, p. 34.

afirmando mais adiante que a base da trama, o incesto, é completamente inventada³.

Real ou ficção, o problema parece-nos de somenos importância se nos quisermos ater apenas a uma análise intrínseca dos dois romances e aos processos que Camilo emprega para tratar tão controverso tema. O que salta imediatamente à vista é a série de coincidências alarmantes que vai unir os dois irmãos, aparentemente destinados a nunca se encontrarem. Isabel Pires de Lima, num estudo sobre *Os Maias* faz as seguintes observações: «Como explicar em termos de uma lógica determinista que dois irmãos que se ignoram, vivendo em países tão distantes, se venham a encontrar como amantes e, mais tarde, a reconhecer como irmãos? (...) Só uma força transcendente como o destino, uma força que escapa a toda(s) a(s) lógica(s), está apta a explicar tais dados.»⁴.

Nota-se, na verdade, uma força quase misteriosa que impele os dois, um para o outro, para que se cumpra, não já o oráculo, como em Sófocles, mas a necessidade imperiosa de um clímax trágico ou de uma revelação que parecia inexplicavelmente conhecida de um dos membros do par.

Na obra citada, Isabel Pires de Lima explica o incesto através de uma escondida atracção edipiana que teria perdurado, à falta de uma resolução satisfatória na fase etária da infância⁵. Nos dois romances de Camilo, tal explicação não pode ser tomada em linha de conta, uma vez que em *A Enjeitada* as personagens só são irmãos de pai, não podendo, por conseguinte, Ernesto sentir uma fascinação edipiana em relação a Flávia que é totalmente estranha a sua mãe, Jaquelina; em *O Olho de Vidro*, Josefa conheceu e viveu com ambos os pais e Brás nunca coabitou com nenhum, tendo-se separado deles com três semanas de idade. Nestes dois casos, a relação a estabelecer é mais difícil, só podendo ser detectada através de uma análise micro-estrutural dos textos.

Apesar das diferenças entre *A Enjeitada* e *O Olho de Vidro*, a que aludiremos pormenorizadamente, há inequívocas semelhanças entre os dois romances.

³ Cf., *idem*, pp. 327-328.

⁴ LIMA, Isabel Pires de — *As Máscaras do Desengano — Para uma Abordagem Sociológica de «Os Maias» de Eça de Queirós*, Col. Universitária, Lisboa, Caminho, 1987, pp. 201-202.

⁵ Cf., *idem*, p. 221, «Vimos também que este [Carlos] reencontra inconscientemente em Maria Eduarda a imagem da mãe, uma imagem que prevalece nas brumas da memória infantil, mas que, edipianamente, ele deseja reconstruir.»

Flávia e Brás são filhos naturais. As circunstâncias dos respectivos nascimentos são todavia distintas. Em *A Enjeitada*, Miquelina é seduzida por Alfredo Gassiot, sendo ele, em seguida, obrigado, por grande pressão da família da portuguesa, a fugir:

«O fidalgo disse peremptoriamente ao hóspede:

— É necessário sair, que eu temo a ira da canalha, vêm aqui matá-lo. Eu e meus criados temos de defender a dignidade desta casa: morreremos todos!»⁶.

No segundo romance, a perseguição que os judeus sofriam nos séculos XVII e XVIII, aliada à da família de D. Maria Cabral, faz com que ela e António de Sá, pais de Brás, assustados com a perspectiva de fugir com uma criança de 15 dias, a deixem a um amigo (Francisco Luís de Abreu) com a indicação expressa do sigilo da identidade: «Não lhe direi o teu nome de pai, sem que tu lho possas dar. Ninguém saberá que é teu filho, sem que tu possas dizê-lo ao mundo.»⁷; «Exceptuada a amorável esposa do doutor, ninguém sabia em Portugal quem fossem os pais daquela criança. A ama, que a tinha amamentado, morrerá; e a pobre gente, que lhe assistira ao nascimento, ignorava o destino dela.»⁸.

Esta preocupação em esconder a identidade das crianças facilitará a total ignorância da paternidade e a inocência na criação de relações incestuosas.

Em *A Enjeitada*, há também expressa recomendação no sentido de manter o mistério à volta do nascimento de Flávia:

«— E então vossemecê — disse Luísa, aleitando a criança faminta — não me há-de dizer quem é a mãe desta menina?

— Já lhe disse que nem à custa da salvação o diria: e vossemecê não mo torne a perguntar que perde o tempo; e mais lhe digo que, se eu souber que alguém anda a botar inculcas, tiro-lhe a criança; e, se lha tirar, é uma moeda de ouro que perde cada mês.»⁹.

O aparecimento dos irmãos, indispensável para que haja a possibilidade de incesto, assume características diferentes em cada um dos textos. Em *A Enjeitada*, logo desde o início é dito que Alfredo tem dois filhos, embora não seja casado com a respectiva mãe. À partida, o narratário sabe que Flávia tem dois meio-irmãos (um rapaz e uma rapariga) e detecta-os imediatamente

⁶ *A Enjeitada*, p. 205.

⁷ BRANCO, Camilo Castelo — *O Olho de Vidro*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 6.^a ed., 1968, p. 18.

⁸ *Idem*, p. 25.

⁹ *A Enjeitada*, p. 210.

quando eles aparecem referenciados na diegese. O narrador sabe que o narratário tem a certeza de que o amor de Ernesto por Flávia é proibido e pressente que ela resiste, baseada numa inconsciente *voz do sangue*.

Em *O Olho de Vidro*, as circunstâncias são diferentes. A irmã de Brás só nasce depois e quando ela e a mãe aparecem em cena, os nomes supostos que usam retardam, de certa forma, o completo reconhecimento do narratário. O mistério que envolve as duas senhoras não nos parece suficiente para estabelecer inequivocamente o incesto: só num momento mais adiantado da diegese é que ele vem a ser demonstrado.

Curiosamente, o incesto não consumado (*A Enjeitada*) é desde o início ostentado ao narratário, enquanto que o plenamente consumado (*O Olho de Vidro*), é velado, e, ao ler, sentem-se mais pressentimentos do que certezas, sendo necessário um trabalho muito mais rigoroso dos índices que se nos apresentam.

Ambos os textos possuem características idênticas, quase paralelas que facilitam o encontro e o desconhecimento das respectivas filiações.

O primeiro processo que se impõe é o das deslocações espaciais: Flávia vai, como que levada por uma força oculta, para Espanha, lugar para onde, logicamente, nunca deveria ir; a mãe e a irmã de Brás, depois de longa ausência, regressam a Portugal, país para onde, logicamente, também não deveriam voltar, por causa do perigo da Inquisição.

O desaparecimento das pessoas que sabem a identidade das crianças contribui decisivamente para facilitar a inocente aproximação: Miquelina, mãe de Flávia, e Custódia, ama da primeira, morrem; Francisco Luís de Abreu é obrigado, por perseguição religiosa, a embarcar para a Índia com a mulher, deixando Brás a Francisco Morais, rico judeu de Vila Flor, que se suicida quando assiste ao auto-de-fé, em que o filho, Heitor, será sacrificado.

Assim afastadas as personagens que poderiam impedir a atracção incestuosa, o narrador serve-se do esquecimento das crianças, para prolongar o processo de reconhecimento:

— «Que lágrimas chorava então a ama, lembrando-se da limpeza e asseio com que a sua Flávia fora criada! Perguntava-lhe se tinha alguma lembrança de ter tido vestidinhos ricos. A menina encarava muito de fito nela, dando ares de a não perceber. Não se lembrava senão da fome e dos vestidos rotos. A Providência fizera essa mercê ao anjo.»¹⁰;

— «Mas, se eu quisesse inculcá-la como perfeita, não viria aqui dizer que Flávia esquecera Luísa do Canto, a sua pobre ama das Gaias.

¹⁰ *Idem*, pp. 251-252.

Ai! esqueceu-a de todo em todo!»¹¹;

— «Dentro em pouco, as lembranças dos fugitivos hebreus era apenas brevíssima tristeza de saudade na memória de Brás.»¹²;

— «O filho de António de Sá Mourão estava de todo esquecido do doutor Abreu, e não longe de esquecer-se de Heitor Dias da Paz.»¹³.

As diferenças entre os dois romances acentuam-se a partir dos encontros com as respectivas famílias. Em *A Enjeitada*, o narratário, como vimos, logo percebe o parentesco, em *O Olho de Vidro*, a percepção é mais tardia, porque o tabú é também mais profundamente atingido.

No primeiro texto, Carlota, Jaquelina, Alfredo, Ernesto e Flávia desempenham diferentes papéis, que contribuem para criar o ambiente necessário ao desenlace.

Carlota, a meia-irmã de Flávia, sente desde o início uma inexplicável atracção por esta, aproximando-a da família, *tornando-a* da família: «Flávia ganhava coração com sua senhoril docilidade; e então no de Carlota insinuou-se por tal arte que o ver uma era ver a outra, abraçadas, inseparáveis, identificadas em contentamentos sem passageira intercedência de dissabor. Trajavam da mesma cor; eram quase da mesma altura, dado que Carlota se avantajasse em três anos; no feitio do rosto e olhos semelhavam-se.»¹⁴;

A filha de Alfredo e Jaquelina chega a pedir a um tio que deixe a terça a Flávia, para que ela fique bem na vida, ignorando conscientemente que só lhe está a pedir que não deserde a sobrinha.

A afeição de Carlota vem a ser destruída pelo ciúme de mulher, instigado pela mãe. O papel de Jaquelina, a mãe de Carlota e Ernesto, é fundamental, não só para afastar as duas irmãs, como para aproximar pai e filha.

Jaquelina assume a função da madrasta, inserindo-se no clássico tópico do conto da Gata Borralheira. Ciosa da defesa da filha, acaba por maltratar a enteada (embora não lhe reconhecendo esse estatuto), humilhando-a («Há-de matar-te o remorso, infame enjeitada»¹⁵) e conseguindo granjear-lhe a inimizade daquela.

A exarcebação do ciúme entre Carlota e Flávia, a propósito de um homem que a última desprezara, leva a filha de Jaquelina a afastar-se da irmã e a realizar um mau casamento de que se não conseguirá libertar.

¹¹ *Idem*, p. 271.

¹² *O Olho de Vidro*, p. 39.

¹³ *Idem*, p. 68.

¹⁴ *A Enjeitada*, p. 270.

¹⁵ *Idem*, p. 293.

Ao definir-se o estatuto de mulher, o carácter de Carlota sofre algumas alterações, transformando-a de rapariga sensível e bondosa em mulher vazia e volúvel. Esta inconstância parece propositada para acelerar o *encontro* entre as três principais personagens: Flávia, Ernesto e Alfredo.

Os desentendimentos entre Flávia, Jaquelina e Carlota afastam Alfredo da esposa (entretanto casara), introduzindo simbolicamente a figura de Miquelina que, enquanto viva, e na fugaz relação que os uniu, nunca conseguiu fazê-lo afastar-se da mãe dos filhos.

Estruturalmente, a separação provocada por Flávia funciona como a preparação do reconhecimento e a aproximação instintiva mas difícil, entre o pai e a filha.

O papel de Alfredo é fundamentalmente ambíguo. Desconhecedor da existência de uma criança, o general vive sem remorsos, até que o seu antigo hospedeiro, o morgado de Figueiroa, lhe dá pequeníssimos indícios:

«Ao darem-se o último abraço, o general murmurou-lhe, em segredo, com os olhos a nadarem nas lágrimas:

— Se vir Miquelina, diga-lhe que me encontrou assim velho...

— Se eu a vir?

— Sim.

— Miquelina morreu há três meses.

Alfredo Gassiot segurou-se muito e convulsamente amparado no pescoço do amigo.

Passados instantes, disse, embargado pelas lágrimas:

— Pois morreu?

— No convento onde a família a encerrou. Eu nunca mais a vi desde que lá estivemos juntos. Não sei que tormentos ela suportou nos decorridos três anos. Há segredos nisto que dão azo a conjecturas vagas de que eu nada sei liquidar com certeza. Fala-se no aparecimento de um filho que motivou a resolução violenta dos parentes a matá-la na asfixia de uma cela. O general pode informar-me...

— Eu!... — atalhou enleado Alfredo Gassiot.

— Sim: existiria na sua saída de Portugal a suposição de...

— Existia.

— Pois então alguma base têm os boatos espalhados.

— E a criança vive? sabe-se dela? onde está? — interrompeu Alfredo.

— Nada sei, ninguém sabe, a não serem os personagens da tragédia, os verdugos capazes de um infanticídio, se necessário fosse.»¹⁶

¹⁶ *Idem*, pp. 263-264.

Convencido da morte ou da indignação, em Portugal, da criança que nem sequer sabe se realmente chegou a nascer, Alfredo não tem a mínima suspeita ao encarar Flávia. No entanto, a figura da rapariga nunca é indiferente a Gassiot que, sem querer, ou antes, sem perceber os indícios que lhe vão, inconscientemente, sendo transmitidos, a vai comparado a Miquelina:

«— Olha que entusiasmo o teu — observou rindo Jaquelina. — Quando tu assim te admiras, meu velho, que fará o filho! Diz-me cá: as portuguesas são todas assim galantes?

— Vi muitas e muito formosas nos sítios por onde estive; mas... iguais em correcção de feições às de Flávia, só vi uma ou duas, se muito.»¹⁷;

«Flávia forçada pela soberania do preceito, levantou o rosto altivamente. Fazia lembrar Miquelina diante do capitão-mor e do padre, no dia em que a levavam ao cadafalso do convento.»¹⁸.

Apesar das reminiscências verdadeiras e impositivas, o general Gassiot não interpreta minimamente os índices que lhe vão sendo transmitidos, actuando erradamente, isto é, compreendendo de uma forma incorrecta o famoso apelo da *voz do sangue*. Se ele começa por ter «indiferença por ela»¹⁹, rapidamente, passa a tomar o partido de Flávia contra a mulher. As suas próprias observações sobre a ascendência da amiga da filha estão cheias de ambiguidades unilaterais. A personagem, ao proferi-las *inocentemente*, mostra, de uma forma irónica, ao narratário, conhecedor de toda a verdade, a inquietante coincidência entre o dito, que se pretende fantasiado, e o verídico que se ignora: «— Sabes tu se ali está a filha de nobilíssimos pais?! A inferirmos-lhe das qualidades físicas e morais a filiação, temos que a alma é nobre e distinta, e nas formas a compleição denota que procede de organizações muito afidalgadas. Supondo, porém, que seu pai era um comerciante, bem sabes tu que meu avô de Espanha comerciava em lãs; se filha de fabricante, pouco há que vendemos as fábricas de teu pai; se filha de artista, eu não me desonro de ser filho do lapidário João Gassiot. Assim, pois, as ossadas de nossos pais e avós podiam estar quietas, se acaso viéssemos a descobrir a genealogia da mulher de Ernesto.»²⁰.

Desconhecendo que a comparação é, neste caso, identificação, que os seus pais e avós são também os antepassados de Flávia, Alfredo aceita-a como futura nora porque nada lhe diz, instintivamente, que é sua filha de san-

¹⁷ *Idem*, pp. 275-276.

¹⁸ *Idem*, p. 300.

¹⁹ *Idem*, p. 290.

²⁰ *Idem*, p. 297.

que e não de afinidade. Todavia, a linguagem trai-o, frequentemente, e ele pode exclamar, «— Creia que, se fosse minha filha, não me deixaria maiores saudades.»²¹, sem perceber que o condicional, a nível de estrutura profunda, se deverá converter em indicativo.

Ernesto funciona como uma espécie de duplo do pai, isto é, a sua afeição por Flávia é mal interpretada, confundindo-se *voz do sangue* com paixão: «Flávia dissera de si, do convento, das suas saudades, de tudo que lhe ocorreu, frases bem ordenadas, bem ocasionadas ao assunto, correntes e límpidas. E ele, uma coisa formosa e digníssima disse e foi... que Flávia era a sua querida irmã. Isto... foi um anjo que lho segredou, e ele não o entendeu.»²².

Incapaz de apreender o significado daquele sentimento íntimo que teimou em não subir à consciência, Ernesto reagirá violentamente à afeição fraternal de Flávia: «— Não sou seu irmão, Flávia!»²³, pensando que ela grajeja do seu amor.

Atraído, inexplicavelmente pelo abismo, o filho de Jaquelina, procura na guerra (na morte) a compensação para o amor que julga não correspondido. E morre, porque só assim se poderá evitar o incesto que Flávia, através de uma errada interpretação de indícios, está prestes a praticar, acedendo à sua insistência.

Ao contrário de todas as outras personagens, a filha de Miquelina presente a *voz do sangue*, recusando sistematicamente o amor sensual de Ernesto. A resistência, porém, acaba por diminuir e Flávia, ignorando a verdadeira razão da sua relutância, pensa-se apaixonada e diz a Alfredo que casará com seu filho. Contudo, tal como acontecera com Gassiot, a sua própria linguagem a trai, dizendo ela mais do que sabe, sem se aperceber da importância do enunciado e da respectiva enunciação:

«— Chame-o... Diga-lhe que o amo!...

— Então quer salvar meu filho? — exclamou o velho exultando até às lágrimas.

— Quero que ele me perdoe o que tem padecido... Quero ir para a sua companhia, meu querido... Oh!... eu ia chamar-lhe pai!...»²⁴.

Aceitando casar com Ernesto, Flávia perde a estranha sensação da *voz do sangue*, e, curiosamente, efectua um percurso circular de regresso às origens. É ao desprezar o afecto fraternal, único possível, que ela volta ao seu país (mesmo se o pretexto é procurar Ernesto e participar-lhe a intenção do

²¹ *Idem*, p. 304.

²² *Idem*, p. 309.

²³ *Idem*, p. 316.

²⁴ *Idem*, p. 325.

casamento), procura a ama que a criou e casualmente, (mas haverá casualidades nos universos romanescos?) compra a casa onde nasceu e encontra a correspondência entre o pai e a mãe, descobrindo a sua identidade e, simultaneamente, o interdito da sua relação com Ernesto, oportunamente já morto²⁵.

Se Flávia é obrigada a sair de Portugal para conhecer o pai, ela é obrigada a lá voltar para conhecer a mãe e a sua filiação com o homem com quem vive e que a trata *como* filha, desconhecendo que, efectivamente, é filha. O duplo percurso da heroína é, sem dúvida, iniciático e assemelha-se aos tradicionais heróis dos contos populares. Compelida a realizar uma série de provas, ela consegue vencê-las, não à custa de um poder mágico, mas através da inexplicável *voz do sangue*. A morte de Ernesto, adjuvante no momento fulcral da intriga, impede a exclusão da heroína do espaço moral privilegiado e a sua inserção no mundo do tabú.

Resolvido o problema do incesto, Flávia dá-se a conhecer ao pai, mostrando a impossibilidade da sua ligação a Ernesto. O reconhecimento é feliz, porque o elemento transgressor foi eliminado. Alfredo e a filha podem assumir plenamente a sua consanguinidade.

Muito diferente é o desenlace em *O Olho de Vidro*, onde os interditos não são afastados e se consuma a relação proibida.

Neste romance, há muito menos personagens envolvidas no processo de atracção irmão-irmã. O pai de Brás, morto no estrangeiro, não é já personagem activa no processo diegético.

A mãe, cujo aparecimento é meteórico, intervém apenas no momento da morte, interpretando erradamente a *voz do sangue*:

«D. Antónia faleceu no princípio da novembro. As suas últimas palavras à filha foram estas: ‘Perdoa-me ter-te eu dado o nascimento, desgraçada menina. Agora, que vai morrer a mulher maldita dos seus, vai tu procurar os teus parentes, e diz-lhes que não és culpada dos delitos de tua mãe’. Brás ouvira estas palavras, e disse, ajoelhando-se ao pé da filha:

— Abençoi a nossa união.

— Eu vos abençôo, meus filhos — murmurou a moribunda.»²⁶

Tal como em *A Enjeitada*, a linguagem trai D. António (ou antes, Maria Cabral) sem que ela dissesse se aperceba.

²⁵ Para um estudo mais detalhado do reconhecimento de Flávia e Alfredo, cf., da autora, *Camilo e a «Voz do Sangue»*, in «Actas do Congresso Internacional de Estudos Camilianos» (24-29 de Junho de 1991), Coimbra, Comissão Nacional das Comemorações Camilianas, 1994, pp. 547-562.

²⁶ *O Olho de Vidro*, pp. 95-96.

A total ausência da *voz do sangue*, que leva à relação incestuosa, é caracterizada por uma *certa inconsciência* de Brás que, apesar do mistério que envolve as duas senhoras, nem por um momento pensa na sua ignorada ascendência: «Brás Luís de Abreu não se deteve a perguntar ao seu espírito se lhe convinha amá-la; amou-a impetuosamente, desde que a viu, amou-a perdidamente desde que a ouviu.»²⁷.

O problema da identidade não é, contudo, indiferente ao médico, reagindo ele agressivamente a perguntas sobre a filiação. Esta agressividade mostra, não só o total desconhecimento, como o medo de parentescos pouco honrosos.

Se Brás ignora tudo sobre o seu nascimento, Josefa, a esposa-irmã, custa-lhe a acreditar na existência de um irmão que os pais diziam ter deixado em Portugal: «De sorte que eu, a respeito do filho, que ela dizia ter deixado em Portugal, não cheguei a fazer perfeito juízo, nem a mesma filha estava convencida de que ele tivesse existido:»²⁸.

Desconhecendo voluntária e inconscientemente a existência do(a) outro(a), Brás e Josefa casam, têm filhos e vivem felizes.

O regresso a Portugal de Francisco Luís de Abreu, o homem que cuidara de Brás em pequeno, vai despoletar o reconhecimento e o terror da verdade.

Francisco, *voz vinda do além*, assemelha-se ao Romeiro de *Frei Luís de Sousa*, de Garrett. Ao saber, por um amigo da existência de Josefa, filha de António de Sá e D. Maria Cabral, decide ir visitá-la e, eventualmente, dar-se a conhecer.

Ao fim de um tempo de convivência, o velho hebreu consegue que Brás lhe conte a vida dos sogros (pais). Através do diálogo, Francisco vai desvendando os segredos daquelas vidas, sem suspeitar ainda da verdadeira identidade do médico, a quem, quando criança, perdera o rasto.

O processo de reconhecimento é longo e difícil, e assenta fundamentalmente num reaviver da memória, trazendo para o consciente os dados há muito esquecidos.

O nome do hebreu, pronunciado por ele como sendo de um outro, inicia a descoberta do fatal segredo:

«(...) Outro médico houve aí em Coimbra, segundo me disseram, que chegou a pertencer ao corpo catedrático, e teve de fugir com sua mulher para a Índia holandesa.

²⁷ *Idem*, p. 95.

²⁸ *Idem*, p. 130.

— Quem era? — perguntou o doutor.

— Se bem me lembro, tinha ele um nome assaz parecido com o de vosmecê. Chamava-se Francisco Luís de Abreu.

— É verdade! — acudiu D. Josefa — que nome tão semelhante!...

— E não sei — disse meditativo Brás Luís — como esse nome me desperta coisas da minha primeira mocidade!»²⁹.

Excitado com a revelação, o hebreu continua no seu diálogo indutivo até chegar a outros nomes que Brás afirma ter conhecido na infância.

De recordação em recordação, Brás vai, involuntariamente, desvendando o seu passado e dando-se a conhecer a Francisco de Abreu que, num ápice, compreende o horror da relação incestuosa.

Um último pormenor conclui o processo de reconhecimento e institui o terror e a piedade:

«— Como se chamava seu Pai? — perguntou com palavras intercortadas pela abafação o hóspede.

— Não sei... — tartamudeou o interrogado.

— Porque se chama Brás *Luis de Abreu*? Como ajuntou este sobrenome e apelido ao seu baptismal?

— Porque assim o achei escrito num abecedário da minha infância.

— Que desgraça! — exclamou Francisco Luís, e começou passeando vertiginosamente na sala! — Que desgraça, Deus do céu!...»³⁰.

A partir deste momento da intriga, as revelações precipitam-se e Brás compreende o horror da sua situação e o desespero provocado pela impotência perante o facto consumado. O tabú sócio-cultural provoca um quase tabú linguístico, não havendo a nível discursivo a referência directa ao incesto:

«— Mas o nome de meu pai — atalhou Brás de joelhos, com as mãos erguidas e trementes. — O nome de meu pai, Senhor Francisco Luís de Abreu.

— Dir-lho-ei ao ouvido — disse o hebreu, inclinando-se à orelha do médico.

Brás expediu um brado estridente, ergueu-se de salto, e exclamou:

— E o nome de minha mãe?

— Pergunte a sua irmã, à mãe dos seus sete filhos, como se chamava a mãe dela.

²⁹ *Idem*, p. 152.

³⁰ *Idem*, p. 159.

— Como é, meu Deus?! como é?! por caridade, salve-me desta dúvida atroz... minha irmã!... quem é minha irmã, senhor?

— É a filha de sua mãe.»³¹.

O desespero de Brás e Josefa, que os leva a abraçar a vida religiosa, traduz-se numa série de imprecações do primeiro, estranhando a total ausência de voz do sangue ou a incorrecta interpretação dos indícios:

«Agora é que eu me gelo de horror do meu passado!... Nunca tive um abalo que me dissesse: ‘porque lhe queres tu assim tanto, tanto, que em quinze anos teus olhos não viram outra mulher sobre a terra!’ As irmãs não se amam assim... Ai!... e eu que assisti à morte de minha mãe, ainda lhe beijei as mãos... Ali, sim, então senti convulsões de espírito extraordinárias, das quais não podiam ser motivo o amor que eu tinha à filha... Não; era Deus que me avisava...»³².

Autopunindo-se pela consagração religiosa, Brás e Josefa não mais se fixam nos rostos («Dizem as memórias que nunca jamais lhe ele vira o rosto, porque D. Josefa o velava com um espesso véu negro.»³³), conscientes de que foi através do olhar que o seu pecaminoso amor se iniciou³⁴.

Condenados à expiação eterna, revoltam-se, perdem a fé, não aceitam o castigo por uma falta inconsciente e involuntária.

Depois da morte de Josefa e de algumas filhas, Brás começa a duvidar da fé, incapaz de encontrar consolação num inútil sacrifício: «Aquela religiosidade, que, horas antes, parecia robusta e sentida como a dos mártires, estava a desfazer-se miseravelmente na incerteza, no desprezo, na negação das mais santas coisas do cristianismo! (...) A imagem de Francisco Luís perpassava-lhe execrandíssima por dia diante dos olhos, cravados num revoltear de visões extravagantes que o assediavam, à volta do cadáver daquela mulher assassinada sem culpa nem fé para aceitar de boa mente uma tão grande quanto imerecida penitência.»³⁵.

O inconformismo, gerador de angústia, consegue fazer sentir terror pela relação incestuosa mas não criar um verdadeiro sentimento de culpabilidade.

³¹ *Idem*, pp. 161-162.

³² *Idem*, p. 169.

³³ *Idem*, p. 174.

³⁴ Para a importância do olhar nas relações incestuosas, cf., LIMA, Isabel Pires de — *Op. cit.*, pp. 210-216.

³⁵ *O Olho de Vidro*, pp. 183-184.

Levado mais pela noção do dever do que por crenças íntimas o «homem da horrível fatalidade»³⁶, Brás, assume-se como o herói trágico cujo destino foi decretado por desígnios superiores.

Se, em *A Enjeitada*, a heroína, levada por pressentimentos de origem desconhecida, se afasta do estatuto de personagem trágica, em *O Olho de Vidro*, Brás é o perfeito exemplo do homem completamente alheio ao *fatum*, que o domina.

Maria de Fátima Marinho

³⁶ *Idem*, p. 195.